



O Homem e a Cidade na Filosofia Antiga

A investigação acerca da natureza humana e de sua relação com a cidade marcou profundamente a tradição filosófica da Antiguidade Greco-Romana. Platão, Aristóteles, Plotino e Sêneca são alguns representantes dessa tradição “Antiga”, mas não devem ser considerados pensadores do passado, visto a atualidade de suas obras.



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Marcos Vinício Chein Feres – Reitor em exercício

Instituto de Ciências Humanas

Altemir José Gonçalves Barbosa – Diretor

Ricardo Tavares Zaidan – Vice-diretor

Departamento de Filosofia

Pedro Calixto Ferreira Filho – Chefe de Departamento

Mário José dos Santos – Coordenador do Curso

Antônio Henrique Campolina Martins – Diretor da Revista

Faculdade de Direito

Aline Araújo Passos – Diretora

Raquel Bellini de Oliveira Salles – Vice-diretora

Denis Franco Silva – Coordenador do PPG em Direito e Inovação

Vicente Riccio Neto – Vice-coordenador do PPG em Direito e Inovação

É:

**Revista
Ética e
Filosofia Política**

ISSN: 1414-3917

Comissão executiva

Antonio Henrique Campolina Martins – Editor

Marcos Vinício Chein Feres – Co-Editor

Clinger Cleir Silva Bernardes – Editoração Eletrônica

Camila Fonseca de Oliveira Calderano – Secretária

Conrado Jenevaim Braga – Vice-secretário

Conselho Editorial

Antonio Cota Marçal (PUC-MINAS)

Boghos Levon Zekiyian (Università Ca' Foscari, Venezia)

Bruno Amaro Lacerda (UFJF)

Clinger Cleir Silva Bernardes (IFES)

Débora Mariz (UFMG)

Emmanuel Bermon (Université Bordeaux-Montaigne)

Fábio Caputo Dalpra (IFSULDEMINAS)

Germán Martínez (Fordham University, NY)

Gustavo Arja Castañon (UFJF)

Humberto Schubert Coelho (UFJF)

Isabelle Bochet (Institut Catholique, Paris)

Luciano Caldas Camerino (UFJF)

Luciano Donizetti da Silva (UFJF)

Luís Henrique Dreher (UFJF)

Manoela Roland Carneiro (UFJF)

Nathalie Barbosa de La Cadena (UFJF)

Pedro Henrique Barros Geraldo (Universidade de Montpellier)

Paulo Afonso Araújo (UFJF)

Ronaldo Duarte da Silva (UFJF)

Thereza Calvet de Magalhães (UFMG)

Wolfram Hogrebe (Universidade de Bonn)

Sumário

Editorial <i>Débora Mariz</i>	1
Artigos	
Sedição e dominação nos regimes corrompidos de <i>República VIII e IX</i> <i>Carolina de Melo Bomfim Araújo</i>	5
Rememorações de um exílio e a morte sob o viés filosófico de Sêneca <i>Luciane Munhoz de Omena</i>	16
<i>Il corpo vivo</i> in Aristotele, Merleau-Ponty e Patočka <i>Elena Pagni</i>	30
As espécies de desejo segundo Aristóteles <i>Juliana Ortegosa Aggio</i>	63
O problema das categorias nas <i>Categorias</i> de Aristóteles: uma abordagem baseada nos relativos <i>Igor Mota Morici</i>	76
La Negation et l'Indetermination dans la Conception Aristotelicienne du Discours Apophantique <i>Pedro Calixto Ferreira Filho</i>	97
O Absoluto e a Unidade: a descoberta do Um na <i>Enéada VI</i> , 9 de Plotino <i>Bernardo Lins Brandão</i>	119
Sêneca e a relação entre a virtude e a vida feliz nas <i>Epistulae Morales</i> <i>Mariana Monteiro Condé</i>	130
Notas para uma Ontologia do Trágico e da Agonística <i>Luciano Caldas Camerino</i>	141
O caráter da ação humana no pensamento de Demócrito <i>Débora Mariz</i>	150
Sócrates, erótico <i>Cesar A. M. de Alencar</i>	158
Comentários sobre as relações entre discurso e modo de vida segundo Pierre Hadot <i>Lorrayne Colares</i>	174
RESENHA	193
REEVE, C.D.C. <i>Ação, Contemplação e Felicidade</i> : um ensaio sobre Aristóteles. Trad. Cecília C. Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2014. <i>Tiago Barbosa de Figueiredo</i>	

Editorial

A investigação acerca da natureza humana e de sua relação com a cidade marcou profundamente a tradição filosófica da Antiguidade Greco-Romana. Platão, Aristóteles, Plotino e Sêneca são alguns representantes dessa tradição “Antiga”, mas não devem ser considerados pensadores do passado, visto a atualidade de suas obras para repensarmos os valores de nossa contemporaneidade, iluminando nossas discussões éticas e políticas em tempos tão conturbados como os que estamos vivendo.

Neste volume da *Revista Ética e Filosofia Política* apresentamos parte da riqueza desse debate filosófico, tornando público artigos que abordam desde a filosofia pré-socrática até o pensamento estoico da Antiguidade Romana - fruto da contribuição de importantes professore(a)s e pesquisadore(a)s dessa tradição antiga.

Ao pensarem a vida na *pólis*, os filósofos antigos se questionaram a respeito da justiça, das leis e dos regimes políticos, tema contemplado por Carolina Araújo, em *Sedição e dominação nos regimes corrompidos de República VIII e IX*. A autora investiga os regimes políticos injustos na referida obra platônica, argumentando ser comum a todos eles o caráter da sedição (*stasis*), entendido como o modo de convivência oposto à comunidade, e a presença de um sistema de dominação (*kratos*). Luciane Omena dedica-se também a essa temática e, refletindo sobre a vida e a obra de Sêneca, apresenta-nos o exílio desse filósofo estoico como símbolo da morte, tanto no sentido político,

quanto social, em *Rememorações de um exílio e a morte sob o viés filosófico de Sêneca*.

O *corpus* aristotélico não poderia deixar de ser contemplado nesse volume. A riqueza e a contribuição de seu pensamento para o debate filosófico contemporâneo faz-se presente não apenas no âmbito ético, mas também nos âmbitos fenomenológico e ontológico. Em *Il corpo vivo in Aristotele, Merleau-Ponty e Patočka*, Elena Pagni articula o pensamento grego à tradição fenomenológica contemporânea, defendendo que o *corpus* aristotélico representaria um passo fundamental no desenvolvimento histórico da fenomenologia. Em *As espécies de desejo segundo Aristóteles*, Juliana Aggio investiga a diferenciação entre essas espécies de desejo, tema pouco explicitado nas obras do Estagirita, e sustenta a existência de dois critérios possíveis para essa diferenciação. Já em *O problema das categorias nas Categorias de Aristóteles*, Igor Morici realiza uma clarificação dessa clássica noção, contrapondo-se à interpretação que concebe as categorias aristotélicas como sendo gêneros supremos e que remonta a Plotino. Esse percurso realizado pelo autor nos convida à abertura de um horizonte de investigação acerca da polissemia do “bom” (*agathón*) no pensamento aristotélico. E, finalizando a discussão em torno do Estagirita, Pedro Calixto, em *La negation et l'indetermination dans la conception aristotelicienne du discours apophantique*, apresenta-nos os usos do discurso apofático na tradição filosófica contemporânea e, através de uma análise detalhada, elucida que a raiz desse discurso se encontra na concepção aristotélica de negação. A importância do discurso apofático na tradição antiga é também afirmada em *O Absoluto e a Unidade*, em que Bernardo Brandão investiga a possibilidade de um conhecimento discursivo indireto do Um na *Enéada* VI, 9, de Plotino. Contamos ainda com uma resenha, elaborada por Tiago Figueiredo, do livro *Ação*,

Contemplação e Felicidade: um ensaio sobre Aristóteles, de C.D.C. REEVE, traduzido recentemente para o português.

A natureza (*physis*) é outra temática fundamental para a compreensão do pensamento antigo e relaciona-se, nessa tradição, à ordem conferida ao mundo, do qual também fazemos parte. Nesse sentido, os antigos compreendiam a existência de uma ordem que regia o mundo e, em certa medida, era passível de inteligibilidade. A esse respeito, Mariana Condé, em *Sêneca e a relação entre a virtude e a vida feliz nas Epistulae Morales*, apresenta-nos o princípio máximo da ética estoica, a saber: “o viver de acordo com a natureza”. A autora enfatiza a importância de repensarmos o conceito de razão no estoicismo, que não pode ser compreendido como mera racionalidade e argumenta com clareza de que modo a virtude pode ser suficiente para o alcance da vida feliz nessa tradição. Já em suas *Notas para uma ontologia do trágico e do pensamento agonístico*, Luciano Camerino reflete sobre o caráter trágico da natureza humana a partir do conceito grego *physis* e apresenta os desdobramentos dessa reflexão no pensamento liberal do séc. XX. E, em *O caráter da ação humana no pensamento de Demócrito*, Débora Mariz reflete acerca da natureza humana na teoria mecanicista democritiana, apresentando a possibilidade de uma reflexão ética dentro dessa teoria. De que modo essas concepções de natureza confrontam-se com as concepções aceitas atualmente? Seria possível ao homem contemporâneo resgatar em seu próprio agir cotidiano a concepção estoica, trágica ou democritiana de natureza? Eis algumas questões bem instigantes!

Resgatamos, por fim, a importância da dialética e o caráter erótico da educação filosófica para o alcance da virtude, tal como nos foi legado por Sócrates e seus discípulos. Em *Sócrates erótico*, Cesar Alencar enfatiza a importância da sedução erótica como método de aprendizagem socrático, visando a excelência a

partir do que há de mais desejável. E, por fim, Lorryne Colares resgata uma discussão importante e atual acerca da filosofia antiga como modo de vida em seus *Comentários sobre as relações entre discurso e modo de vida segundo Pierre Hadot*. Essa discussão é determinante para repensarmos a tradição filosófica da Antiguidade Greco-Romana, compreendendo-a não enquanto mero exercício de erudição, mas como unidade indissociável entre discurso e vida prática.

Boa leitura a todos!

Débora Mariz